

Vida
ANO -

Vida das Artes

Rio de Janeiro, maio 1975 ano I nº0, pag.25

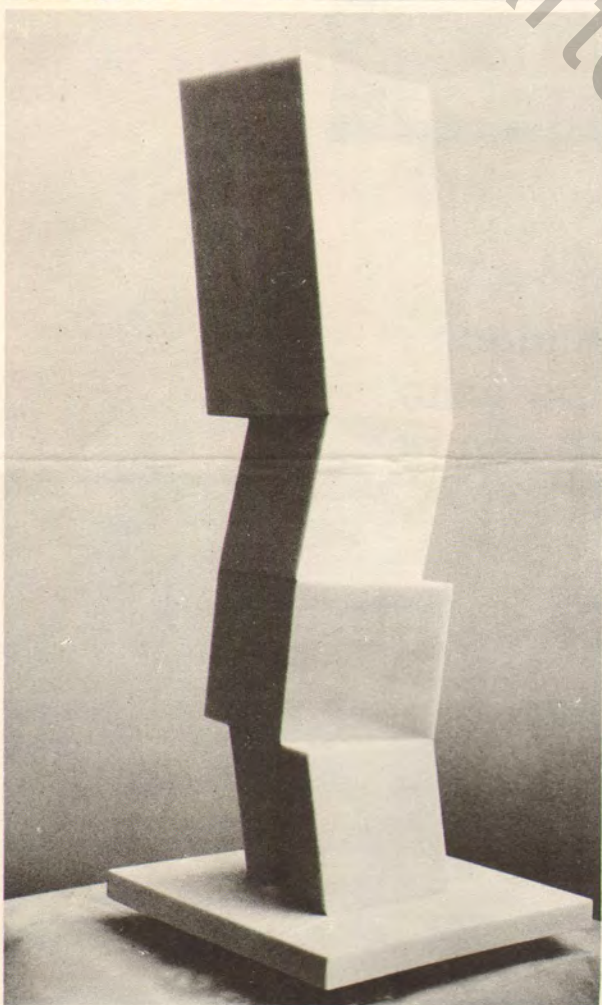


“... p
c
p
d
da educação”

Gonzaga da Gama Filho

Universidade Gama Filho - Departamento Cultural

Instituto de arte contemporânea



Os relevos e formas em mármore ou madeira de Sérgio Camargo compõem um universo sensível e cerebral

CAMARGO: ASCÉTICO E SENSUAL



A partir de 15 de maio, as esculturas de Sérgio Camargo poderão ser vistas simultaneamente no MAM do Rio de Janeiro e

na nova galeria de Luiz Buarque de Holanda e Paulo Bittencourt em Botafogo. Ambas as mostras cobrem 10 anos da carreira do artista, entre 1963 e 1973.

José Roberto Teixeira Leite

A carreira do escultor Sérgio de Camargo teve início em Buenos Aires, em fins da década de 1940, sob a orientação de dois grandes artistas: Emílio Pettoruti e Lucio Fontana. Transportando-se pouco depois a Paris, afim de estudar na Sorbonne, o jovem brasileiro freqüentou Brancusi, Aurocosta, Arp e Vantongerloo, que lhe fecundaram o mundo de idéias e contribuíram para lhe moldar o estilo, figurativo no começo.

— Meu trabalho não nasceu do nada; mas desligou.

Tal desligamento, a ruptura com as raízes, ocorreu no momento em que o artista, então residindo em Paris (como de resto tem sucedido em várias fases de sua vida), deu início à elaboração de seus relevos, segmentos cilíndricos dispostos como polipos artificiais sobre um plano bidimensional, realizados em madeira e depois monocromados, habitualmente em branco.

O primeiro relevo surgiu em 1963, de uma observação acidental: cortando uma maçã em lascas, o escultor percebeu o sutil parentesco de luz e sombra que ocorria quando aproximava ou distanciava o segmento produzido a faca, do corpo de que fora extraído. Casualmente, nascera seu primeiro elemento cilíndrico, uma combinação entre a massa — o bojudo corpo da fruta — e a orientação do plano seccionado. Daí por diante, a história de seu desenvolvimento estilístico será a busca dos relacionamentos perfeitos de luz e sombra, ângulo e plano, aresta e rotundidade.

Os diversos cilindros, destacando-se do plano bidimensional (onde se inseriam como se dele brotados), formavam entre si ângulos variáveis; seu posicionamento, em ângulo reto ou obliquamente ao plano, gerava a seu turno zonas de sombra de alcance e intensidade desiguais. Isso contribuía para imprimir, aos relevos, uma singular sensação de imponderabilidade, de imaterialidade. É que, sob o impacto da luz, o espaço parecia dissolver-se, ao mesmo tempo em que as formas perdiam seus exatos contornos, suas qualidades de massa e de textura. Nos próximos anos, Camargo seria conhecido mormente em função desses relevos em madeira, brancos e luminosos — tão luminosos que o crítico inglês Guy Brett chegou a se referir à

sua aura. Foi com eles, por exemplo, que em 1963 conquistou o prêmio internacional de Escultura na Bienal de Paris, e em 1965 o de Escultura Nacional na Bienal de São Paulo. Tinha-se criado uma linguagem (da qual seria, ao mesmo tempo, sistematizador e único intérprete), e podia com justo orgulho incluir-se na categoria dos artistas-criadores, que ele mesmo opõe aos artistas-artesãos:

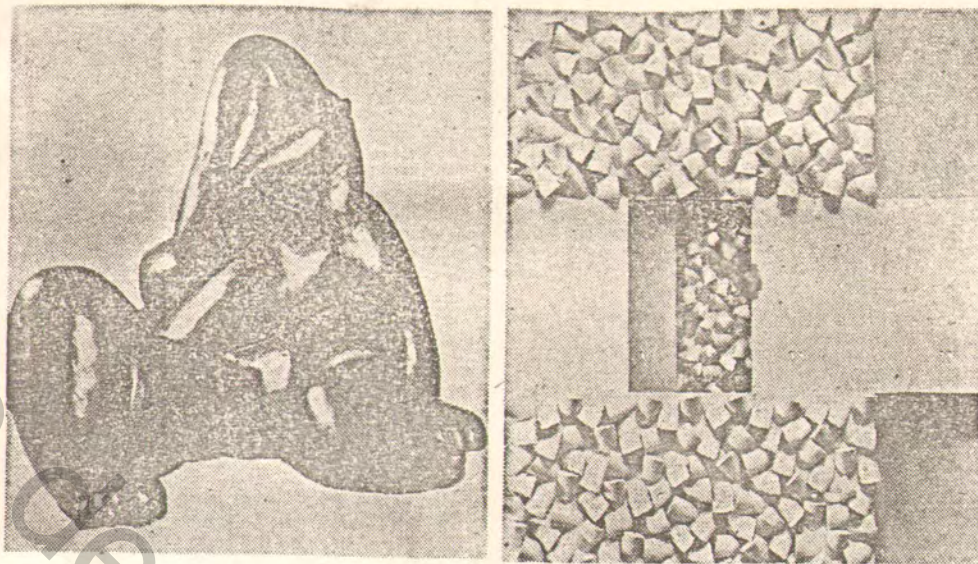
— O artista-artesão sabe fazer, e narra; o artista-criador sabe ver, e diz.

Muito recentemente, Camargo, sem abandonar os materiais a que já nos tinha habituado, voltou-se para o mármore afim de dele extrair a enorme potencialidade expressiva. Essa matéria tem sido acusada de por demais álgida, e não por acaso boa parte da chamada arte cemiterial tem no mármore seu material por excelência... Camargo, todavia, simplificando a forma ao essencial, despojando-a de todo detalhe ou rebuscamento supérfluos, soube imprimir, a esse mármore de outro modo frio, tanta organicidade, tal emoção poética, que em suas mais recentes esculturas perpassa, como observou o mexicano Fernando Gamboa por ocasião de recente exposição no MAM de Ciudad Mexico, "... um alento de sensualidade sobre um conjunto de quase ascética austeridade".

Aqui seria possível evocar a permanência, no espírito de Camargo, de uma reminiscência brancusiana — e a Brancusi parecem efetivamente remeter todas essas brancas formas ao mesmo tempo líricas e elementares, todas essas arestas e ângulos e planos e facetas desencavados do bloco de mármore de Carrara, e que, interrelacionando-se de modo matemático, formam uma harmonia feita de razão e de sensibilidade.

Por um desses milagres da intuição criadora, Camargo sabe dar às suas formas de pureza geométrica uma sensualidade admirável, e sob a branca epiderme de seus mármore a vida parece que palpita. De resto, nos mármore, como nos relevos em madeira, o que conta é e sempre será o sutil jogo de confrontos, a música das proporções sabiamente encontradas. Afinal, e no dizer do próprio artista, "as coisas somente existem em relação com outras coisas, e tais relacionamentos são o que importa".

12 — O ESTADO DE S. PAULO



Em dois locais, o artista apresenta um conjunto de relevos e esculturas

Sérgio Camargo no MAM do Rio

Com a mesma originalidade na utilização da luz e da forma que o consagrou, Sérgio Camargo volta a expor no Brasil apresentando um conjunto de 100 relevos e esculturas, em madeira e mármore, todos dotados de uma interessante estruturação de espaço que acaba por integrar o espectador à obra.

Os trabalhos estão expostos em dois locais no Rio — no Museu de Arte Moderna e na Galeria Luiz Buarque de Holanda e Paulo Bittencourt, rua das Palmeiras, 19 —, onde podem ser vistos de segunda a sexta-feira das 14 às 22 horas e aos sábados e domingos das 15 às 19 horas, até o próximo dia 15.

Com um currículo no qual se incluem, entre outros, o Prêmio Internacional de Escultura na III Bienal de Paris, realizada em 1963, e uma sala especial na Bienal de Veneza, em 1966, Sérgio Camargo está radicado há 10 anos na capital francesa, onde desenvolve um trabalho ao nível do Le Parc, Cruz-Diez, Soto e outros latino-americanos de vivência européia e integrados, como ele, no circuito internacional da arte.

Entretanto, Sérgio Camargo destaca-se destes artistas por vários fatores, especialmente pela surpreendente capacidade de não limitar seu trabalho a um exercício insistente de variações sobre o mesmo tema e material, apresentando ao contrário, em seus relevos, acúmulos de módulos de madeira que sugerem e possibilitam as mais

distintas leituras. Tudo porque domina como poucos a utilização da luz em um trabalho plástico, forçando a que a idéia e não a forma seja o fio condutor de sua obra.

Inserido na mais evidente tradição construtivista de um determinado setor da arte latino-americana, Sérgio Camargo afirma que só a variabilidade modular lhe interessa. Seus relevos e esculturas derivam sempre dos mesmos módulos, só que nas últimas são mais compridos, cortados ao meio, lançados ao espaço e invertidos, fazendo com que a tradição construtivista em que se situa não seja a dos racionalistas, defensores de uma arte de formas puras, rigorosamente geométrica. A sua arte é dialética, contrapondo ordem e desordem, carência e excesso de formas, tudo obrigando à mobilidade do espectador — no que quebra também o esquema formal de contemplação de uma obra de arte.

Esse movimento não permite, contudo, confundir-lo com um artista cinético — fato que também não admite —, pois tudo em sua obra depende da luz. É esta que lhe revela a estrutura pretendida. Por isso, quando trabalha com a madeira, pinta-a de branco, procurando evitar o efeito do material; quando utiliza o mármore, corta-o com máquinas, o que lhe permite revelar o peso e a densidade de cada estrutura. Tais recursos e originalidades só conduzem a uma conclusão: Sérgio Camargo é, antes de tudo, um artista do conceito, da idéia, nunca do material.